

## **CRACK – CRISE DE ABSTINÊNCIA EM BEBÊS DE MÃES USUÁRIAS: MITOS E VERDADES**

**CAMARGO, Paola<sup>1</sup>; Martins, Maria de Fátima<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas/Especialização em Educação Infantil; <sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas/Departamento de Fundamentos da Educação. [paolacamargo01@hotmail.com](mailto:paolacamargo01@hotmail.com), [duartemasrtinsneia@gmail.com](mailto:duartemasrtinsneia@gmail.com)

### **1 INTRODUÇÃO**

O tema “Crack” está cada vez mais na mídia. Para Outeiral (2003) este é um problema que transcende os âmbitos familiares e requer um movimento da sociedade como um todo, em seus vários aspectos, tais como os que envolvem a ética e a política.

O Governo Federal está disponibilizando milhões para combater a epidemia do crack. A estimativa da Organização Mundial da Saúde (OMS) para o Brasil é que 3% da população é usuária de crack e isso implicaria em seis milhões de brasileiros. A Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD) é outro órgão do governo que está envolvido com o combate ao uso de drogas. Esta secretaria tem como objetivo a prevenção, o tratamento e a redução de danos em relação aos usuários de crack, através da campanha: “Crack, é possível vencer”.

Em relação aos efeitos das drogas, especificamente o crack e os efeitos no feto, essas organizações assumem que ainda há poucos estudos que tratam deste tema. Pouco se sabe sobre o impacto do uso do crack na gestação, embora as gestantes com dependência química sejam uma das prioridades do governo e existam problemas visíveis e imediatos dos filhos recém-nascidos de usuárias de crack.

Em razão do que foi exposto há necessidade de mais estudos e pesquisas nesta área, pois quase não há comprovação sobre os efeitos do vício materno no bebê e o que se sabe é apenas fruto das observações em hospitais e maternidades, onde enfermeiras, médicos e toda a equipe que observa estas mães e seus filhos, descrevem as características mais comuns encontradas nos recém-nascidos. (ClicRBS – Portal Social, 2010)

Os programas de prevenção ao uso do crack se mostram essenciais diante dos efeitos graves encontrados em relação aos usuários. Sabemos que novos estudos se fazem necessários para documentar e entender este tema tão novo e polêmico. No caso específico desta pesquisa, busca-se entender o que acontece com as crianças filhas de usuárias de crack, se realmente há a crise de abstinência, se elas já nascem com os efeitos do vício, se isto é verdade ou se é mito.

### **2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)**

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, sendo realizada através da busca na literatura de artigos, teses e dissertações sobre o tema que está sendo estudado. Esta pesquisa está sendo realizada no período de maio a dezembro de 2012.

A pesquisa no momento está na fase de coleta de dados e busca fundamentação na literatura já existente, através de palavras chaves sobre o tema, como: Crack, crise de abstinência, gravidez e mulheres usuárias.

Para realizar a pesquisa busca-se fazer um levantamento de materiais em bibliotecas via internet, em bancos de teses e dissertações da Capes, INEP, Biblioteca da Fundação Carlos Chagas, na página online de órgãos e instituições ligadas à Saúde e projetos relacionados à prevenção do uso de drogas.

Para analisar os dados serão criadas quatro categorias, a partir da leitura, para sistematizar o conteúdo.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Segundo a Secretaria Estadual da Saúde de São Paulo, em 2007 houve apenas um caso de dependente química que perdeu a guarda de seu filho recém-nascido, mas este número está crescendo a cada ano. Em 2008 foram quinze os casos, em 2009 o número cresceu para vinte e seis e em 2010 o número de casos em que os hospitais encaminharam os recém-nascidos para a Vara da Infância e Juventude foi de quarenta e três, ou seja, um crescimento de 65% apenas de 2009 a 2010.

Pesquisas realizadas em 2 hospitais de diferentes regiões do país (Maternidade Estadual Leonor Mendes de Barros – São Paulo, SP e Hospital Materno-Infantil Presidente Vargas – Porto Alegre, RS) mostram que a maioria das gestantes dependentes químicas não fazem nenhum tipo de acompanhamento e nem procuram orientações médicas durante a gravidez. Muitas delas não fazem nem os exames recomendados no pré-natal, pois sua rotina se faz nas ruas com o uso de drogas e álcool, chegando à maternidade apenas no momento do parto, isso quando o mesmo não acontece na própria rua, dificultando ainda mais a identificação das mesmas e o número de crianças nascidas nesta situação.

Na cidade de São Paulo, onde o número de pesquisas ainda é maior, a Maternidade Estadual Leonor Mendes de Barros, comprova o quanto este assunto é sério e o consumo de crack durante a gestação é um grave problema médico e social. Segundo Corintio Mariani Neto, diretor do hospital, “a droga pode provocar diversos problemas: deslocamento da placenta, falta de oxigenação, retardo do crescimento e morte neonatal, e quando o bebê sobrevive, surgem então as preocupações sobre a extensão dos danos provocados pela droga.” (Revista Época, 2011)

Segundo o diretor do hospital, o bebê costuma nascer hiperexcitado, irritado, choroso e isto é sinal de que a droga ingerida pela mãe já chegou ao cérebro e pode então ter provocado alterações de desenvolvimento, mas a consequência do resultado deste contato precoce só poderá mesmo ser observada e comprovada anos depois, quando a criança iniciar sua vida escolar.

“A grande preocupação em relação ao crack e a cocaína é o desenvolvimento futuro da criança. As drogas alteram a arquitetura cerebral do feto. Infere-se que as drogas podem provocar alterações cognitivas que prejudicam a vida social e escolar da criança. Sua capacidade de entender conceitos abstratos e fazer associações pode ser comprometida”, diz Ruth Guinsburg, professora de pediatria neonatal da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). (Revista Época, 2011).

Marli Lisboa, enfermeira-chefe de Obstetrícia do Hospital Materno-Infantil Presidente Vargas, de Porto Alegre, também explica que dependendo da quantidade de drogas que a mãe usou, o bebê pode sofrer síndrome de abstinência, mas que a notícia boa é que não há um impacto tão significativo como era de se esperar, pois

normalmente as crianças apresentam bons níveis do que chamam de medidas de saúde, que são indicadores que medem peso e reflexos logo após o nascimento.

De acordo aos dados trazidos, ainda há controvérsias sobre a existência ou não da crise de abstinências em bebês de mães usuárias de crack, o que mostra mais ainda a importância imediata de mais pesquisas e estudos sobre o assunto.

#### **4 CONCLUSÃO**

Este trabalho surgiu da necessidade de saber mais sobre este assunto tão pouco estudado. Destaca-se que pesquisa está apenas começando e muitos materiais e bibliografias serão coletadas, por este motivo a conclusão é parcial, no entanto já é possível uma análise prévia que pode ser feita a partir do que já foi pesquisado.

A partir do que foi estudado até o momento, pode-se dizer, mas não com certeza, que dependendo da quantidade de droga ingerida pela mãe durante a gestação o bebê, este pode sim nascer com crise de abstinência, porém mais estudos são necessários para dizer com convicção que esta é uma afirmação real. Ao estudar esse assunto é provável que encontremos um campo bem complexo, não será uma tarefa simples e os diversos campos de estudo tais como a sociologia, epidemiologia, psicologia podem contribuir para esclarecer este assunto.

Nesta fase de coleta de dados pode-se perceber que no Brasil existem poucos estudos científicos sobre as consequências do crack no desenvolvimento fetal e o que se sabe até agora e foi citado neste trabalho é fundamentado nas observações de especialistas que estudam o assunto. Até o término desta pesquisa pretende-se reunir mais informações que possam ajudar a entender se realmente há a crise de abstinências nestas crianças e o que é verdade e mito sobre este tema.

#### **5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

OMS, Organização Mundial da Saúde. Manual de Orientação para Atenção ao Crack.

ONU. Relatório Anual sobre Drogas. 2009, 2010.

OUTEIRAL, José. Adolescer: Estudos revisados sobre a adolescência. 2.ed. revisada, atualizada e ampliada. Rio de Janeiro: Revinter, 2003

SEGATTO, Cristiane. Os bebês do Crack. Revista Época. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI242477-15257,00-OS+BEBES+DO+CRACK.html> acessado em 12/07/2012

SENAD – Secretaria Nacional Antidrogas. Conversando sobre cocaína e crack – formas de uso da cocaína. Disponível em: <http://crackepossivelvencer.com.br> acessado em 13/07/2012

TRINKS, Priscila. Em Porto Alegre, 70% das crianças e dos adolescentes encaminhados a abrigos têm pais dependentes de crack. Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/portal-social/19,0,2906525,Em-Porto-Alegre-70->

[das-criancas-e-dos-adolescentes-encaminhados-a-abrigos-tem-pais-dependentes-de-crack.html](#) acessado em 15/07/2012